

Para saber mais:
[http://
www2.uol.com.br/
ruthrocha/home.htm](http://www2.uol.com.br/ruthrocha/home.htm)

ENTREVISTA RUTH ROCHA

Ruth Rocha nasceu em São Paulo. Estudou nos colégios Bandeirante e Rio Branco. Fez Sociologia Política na USP e se especializou em Orientação Educacional pela PUC/SP. De acordo com o relato em um dos seus livros, foi o hábito de ler histórias para sua filha Mariana que a mobilizou a escrever livros infantis. Sua experiência como orientadora educacional no Colégio Rio Branco lhe propiciou conteúdo vasto sobre a problemática da infância e dos processos de escolarização. Influenciada por Monteiro Lobato, Ruth escreve sobre temáticas as mais diversas, interessada que é por problemas sociais e políticos, sempre com um pitada de bom humor.

Sua carreira como escritora teve início em 1967, escrevendo artigos sobre educação para a *Revista Cláudia* e, em 1969 suas histórias infantis começaram a ser publicadas na *Revista Recreio*, publicação da editora Abril voltada ao público infantil. O livro *Palavras Muitas Palavras* foi publicado em 1976, dando início a uma trajetória de sucesso na publicação de livros de grande impacto junto ao público infanto-juvenil. Seus livros já foram editados em mais de vinte e cinco idiomas e cantabilizam mais de cento e trinta títulos diferentes. Seu livro mais conhecido, *Marcelo, Marmelo, Martelo*, já ultrapassou a tiragem de um milhão de cópias.

Ruth tem sido reverenciada pela crítica e por órgãos governamentais. Em 2002 ganhou o prêmio Moinho Santista de Literatura Infantil, da Fundação Bunge. No mesmo ano, a Associação Mundial de Escritores no Rio de Janeiro a escolheu como membro do PEN CLUB. Atualmente é membro do Conselho Curador da Fundação Padre Anchieta.

No início de julho de 2006 Ruth Rocha recebeu em sua residência, nos Jardins, em São Paulo, o jornalista Giba Colzani. Nesta entrevista exclusiva para a revista *Contrapontos*, a escritora reafirma a importância da literatura na formação do ser humano, seja pelo seu aspecto literário, formativo ou estético.

Giba Colzani é formado pela Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, e pós-graduado em Comunicação com o Mercado pela Escola Superior de Propaganda e Marketing, ESPM. Editor e diretor de televisão, trabalha há dez anos como Diretor de Criação da TV1 Comunicação e Marketing, em São Paulo.

Contrapontos: Vivemos em um mundo de inovações tecnológicas que geram novas mídias e games altamente interativos que disputam o tempo e atenção das crianças. Mesmo no meio dessa avalanche de informações e novos comportamentos, o lançamento de seus livros sempre atraem os pequenos leitores que formam imensas filas de autógrafa como aconteceu na última Bienal do Livro, em São Paulo. Porque o livro infantil ainda desperta o interesse das crianças ?

Ruth Rocha: As crianças continuam lendo sim. E o mais importante que tenho notado nos lançamentos é que elas não trazem apenas aquele livro que a professora indicou. Trazem aqueles que despertaram seu interesse, sua curiosidade. A partir desses primeiros contatos com os livros, a criança passa a conhecer as histórias, começam a ler e o livro passa a fazer parte da vida delas. É verdade que a televisão, o computador, os brinquedos eletrônicos tomam tempo das crianças. E é possível que com todos esses estímulos algumas crianças acabem se desviando do livro. Mas isso não quer dizer que todas se desviem ou que se desviem o tempo todo. O livro, como o conhecemos, tem mais de 500 anos. É uma forma muito sólida de transmissão do conhecimento e da cultura ao longo das gerações.

Contrapontos: Nesse cenário a literatura infantil pode ajudar a manter o livro vivo também para as próximas gerações?

Ruth Rocha: Eu me lembro de um professor que, no final do século dezenove, afirmava que o livro iria acabar com a invenção da bicicleta porque as pessoas não iriam mais querer ler, apenas andar de bicicleta(risos). Depois veio a vez dos quadrinhos ameaçarem o livro, o cinema e a televisão que pareciam desviar a atenção do livro para sempre. Isso não aconteceu. O livro tem características que preenchem um desejo do leitor, é uma relação íntima, algo pessoal que só quem gosta muito de ler sabe o que é. Além disso, o livro é portátil você pode leva-lo para qualquer lugar, para ler no ônibus, nas férias... E guardar na estante para consultar quando quiser. A leitura você pode repetir. Então, tem uma interatividade também embora não perceptível. Mas quem lê sente.

Contrapontos: Formada em Sociologia e Política pela USP e Pós graduada em Orientação Educacional função que exerceu por 15 anos no tradicional Colégio Rio Branco de São Paulo antes de se tornar um dos maiores fenômenos editoriais do país, com mais de 10 milhões de exemplares vendidos em mais de 30 anos dedicados à literatura infantil. Você diria que nunca deixou de ser educadora?

Ruth Rocha: Eu acredito que todo escritor é um pouco educador, embora os escritores não gostem de admitir muito isso, Monteiro Lobato deixava sempre isso muito claro, Thomas Mann também faz isso com *A Montanha Mágica*. Mas existe uma diferença básica entre o livro didático e o livro literário. O objetivo do livro didático é ensinar, o literário não tem esse compromisso. Tem a ver com a expressão do autor, com aquilo que faz sentido para ele e com o que ele quer dizer. Então, isso não tem a ver diretamente com ensinar. Tem a ver com a o que a gente sente, não com o que gente sabe. E eu acredito que a literatura ensine como a obra de arte ensina, o que é muito diferente da obra didática. Ela ensina a sentir a arte, que é um aprendizado difícil, mas que preenche no usuário uma necessidade diferente. Por isso, eu tenho muito medo do livro levado para a sala da aula, porque nem todo o professor está preparado para usar o livro como instrumento de educação artística. Quando você usa o livro literário para ensinar gramática, para dar lições de conteúdo pedagógico aí você está desvirtuando o papel do livro de literatura. Eu não concordo com a designação de certas editoras que chamam o livro literário de paradidático. Isso funciona como artifício mercadológico para forçar as escolas a adotarem determinado livro e a obrigarem as crianças a lerem.

Contrapontos: E não se deve obrigar as crianças a ler ?

Ruth Rocha: Não, não, não. Os professores é que tem obrigação de encontrar meios para fazer com que as crianças se interessem pelos livros. De maneira que não seja necessário obrigá-las. Cabe à escola fazer com que as crianças convivam com os livros, que sejam expostas a eles. Há muitos meios para fazer isso, mas o principal é que os professores realmente leiam e selecionem os livros não pelo que os outros dizem, mas pelas suas próprias emoções. Mais uma vez é importante lembrar Lobato que dizia que a gente deve tomar cuidado para não vacinar as crianças contra os livros para sempre.

Contrapontos: Então, de quem é a responsabilidade pelo incentivo à leitura?

Ruth Rocha: Pesquisas muito recentes dizem que não é tão importante os pais lerem para os filhos, o que é realmente importante é que as crianças morem em casas que tenham livros, e que prezem o livro, a cultura, o conhecimento. Que prezem a escola e os professores. É importante que os pais estimulem as crianças pelo exemplo da leitura, os pais têm 100 por cento de responsabilidade. Já a escola, embora a matemática não feche,

também tem 100 por cento de responsabilidade sobre os hábitos da leitura, na manutenção das bibliotecas, na capacitação dos professores, incluindo nessa capacitação o conhecimento dos livros que existem para as crianças, para que não indiquem os livros errados que as crianças odeiam e são obrigadas a ler. É assim que se formam leitores realmente interessados.

Contrapontos: E os autores, o que eles podem fazer para manter vivo o interesse das crianças pela leitura?

Ruth Rocha: Esse é o nosso papel, escrever os livros da melhor maneira que sabemos.

Contrapontos: Mas, afinal, como os livros educam?

Ruth Rocha: O livro alarga os horizontes, estimula a imaginação, dá noção da realidade mesmo quando é ficcional porque o bom livro tem seqüência, tem consequência. Tem um desenvolvimento lógico. O bom livro educa artisticamente, educa o caráter, estimula a busca do conhecimento, mas tudo isso pelo que ele tenha de mais artístico. Educar as crianças é cuidar do todo, não só da educação formal, mas também da sensibilidade, da criatividade, da formação do caráter e do gosto pela arte. O livro pode ser educativo sendo literário, mas isso nem sempre é curricular, nem sempre serve diretamente aos currículos.

Contrapontos: Seus livros sempre trazem crianças alegres, inventivas, com um toque de irreverência. Protagonistas de histórias sempre otimistas.

Ruth Rocha: É verdade. E não poderia ser diferente. Eu também sou assim, eu sou alegre e otimista. E acredito que para a criança, nunca se pode tirar a esperança.